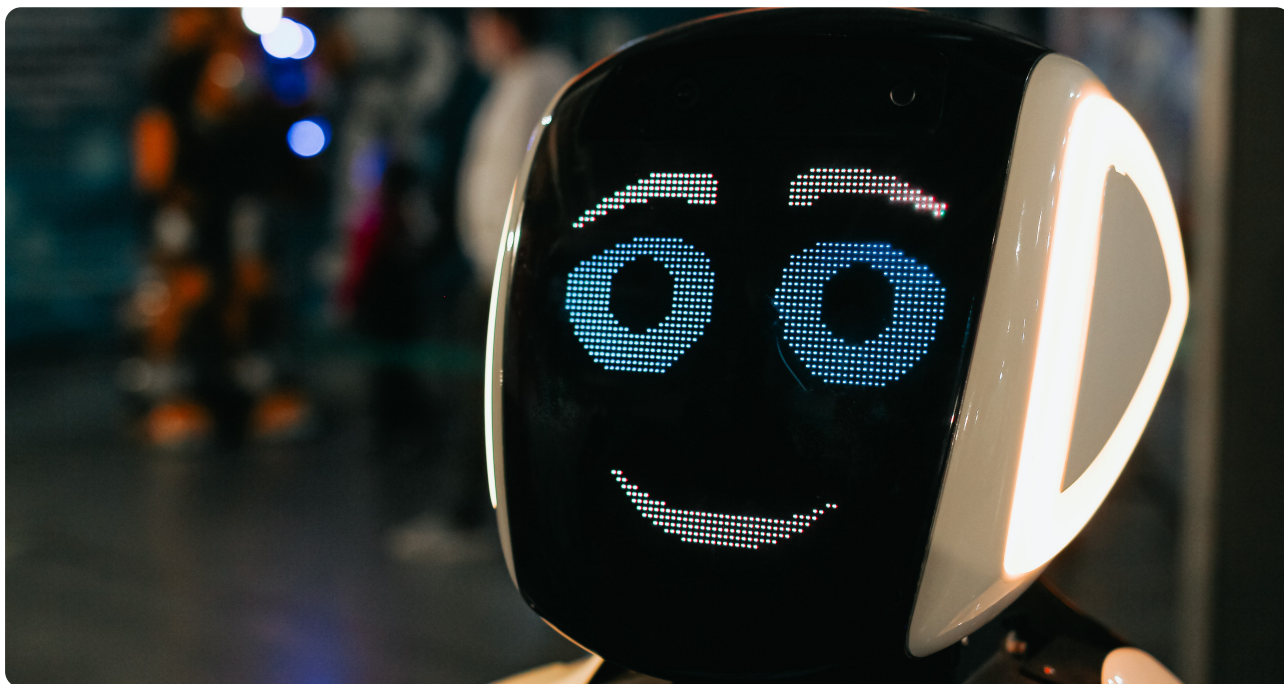


NEWS

Tecnologia Berry-Whill

Programas de robótica autónoma para mais conforto e doçura

24 de junho de 2026, Tobias Engl



Desde setembro de 2025, uma cadeira de rodas japonesa navega de forma autónoma pelos corredores envidraçados do Terminal 2 do aeroporto de Munique. A WHILL desloca-se por LiDAR e leva passageiros com mobilidade reduzida até à porta de embarque. Uns bons duzentos quilómetros a sudoeste, à mesma hora, o robô BERRY da Organifarms GmbH colhe até quinhentos morangos por hora pelo pedúnculo, pesa-os, seleciona-os e coloca-os na embalagem prontos para venda. Duas máquinas de mundos diferentes que só a um segundo olhar revelam o mesmo padrão. Um núcleo altamente automatizado, um processo rico em dados e, entre ambos, uma zona muda de passagem para o ser humano.

Esta lacuna não é de natureza tecnológica. Não está no braço robótico, nem na IA, nem nos sensores, mas no ponto em que a máquina termina e o ser humano volta a assumir. Na WHILL, na Comfort Station depois do controlo de segurança; na BERRY, na embalagem a caminho da prateleira. Ambos os robôs recolhem continuamente dados valiosos – percurso, nível de bateria e hora de chegada de um lado, grau de maturação, peso e momento da colheita do outro – que hoje se perdem em back-ends proprietários sem nunca chegarem ao cliente final. O robô funciona bem; o que falta é a interface para o exterior.

Para a Bergx2, que com a ScreenWay opera Digital Signage em treze mercados verticais, esta assimetria é uma constelação conhecida. A mesma da sala de espera do consultório médico. A ScreenWay fornece as quatro camadas necessárias para fechar a lacuna: leitores multimédia 4K em arquitetura Intel Alder Lake atual para funcionamento contínuo no espaço público, um CMS para conteúdos multilingues atualizáveis em tempo real, o mapa de software com doze produtos proprietários ao longo da cadeia de valor e, por cima, uma camada de integração de IA que, através de MCP e A2A, transfere os dados do back-end do robô para o fluxo de trabalho do ecrã sem quebras de suporte.

No aeroporto, isto dá origem a uma Comfort Station que deixa de ser apenas uma zona de assentos estofados para se tornar uma zona visual de boas-vindas. Um ecrã conforme com a BFGG, a lei alemã de acessibilidade, mostra ao passageiro em espera, na sua língua materna, onde está o seu veículo nesse momento, quanto tempo demora a viagem até à porta de embarque e que dados do cartão de embarque estão registados. No indoor farming, surge um ecrã farm-to-plate no ponto de venda, que indica o momento da colheita de cada embalagem, documenta a distância desde a estufa e quantifica o equivalente de CO₂ poupado. Uma fruta intercambiável transforma-se num produto premium rastreável com história incorporada; uma zona de espera muda, numa qualidade de serviço mensurável. O momento é favorável. A WHILL está em funcionamento há menos de um ano; a Organifarms, com a aquisição da EBZ a 1 de julho de 2025, deu o passo para a fase de produção em série. A lacuna entre robótica e ecrãs ainda não foi ocupada por nenhum fornecedor estabelecido.

Nos próximos anos, a robótica de serviço autónoma vai tornar-se visível em muito mais áreas do que hoje se consegue prever. Robôs de entrega em hospitais, robôs de limpeza em estações de comboio, robôs de serviço em hotéis e restaurantes. O padrão repete-se em praticamente todos os verticais da ScreenWay. A próxima geração do Digital Signage não é feita de resoluções mais altas ou de ecrãs maiores, mas da ligação inteligente a máquinas autónomas que, elas próprias, não têm ecrã. A Bergx2 e a ScreenWay estão na rara posição de poder fornecer ambos – o programa e a voz que lhe falta.